

RESENHA

Marcelo Gomes da Silva

DONNER, Herbert. As fontes. In: **História de Israel e dos povos vizinhos**. 2. ed. Tradução de C. Molz e H. Trein. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 17-32.

O livro *História de Israel e dos povos vizinhos* foi escrito originalmente em alemão com o título *Geschichte des Volkes Israel und seiner Nachbarn in Grundzügen*. O teólogo alemão Herbert Donner, autor de diversas obras, foi aluno de Albrecht Alt e Siegfried Morens, renomados professores de Antigo Testamento e Egíptologia, respectivamente. A primeira edição da obra foi publicada em 1983, na Alemanha. Dez anos depois, em 1994, foi publicada a sua segunda edição, com alterações especialmente nas duas primeiras partes do livro, que tratam da pré-história e da história primitiva de Israel. A edição em português foi publicada sob a coordenação do Fundo de Publicações Teológicas/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

O autor inicia a obra apresentando os pressupostos do seu estudo. Entende que a história de Israel deve ser apresentada a partir *das fontes*, daí o nome do seu primeiro capítulo. Faz então algumas reflexões sobre o acervo de fontes e sobre a interpretação do material. Lamenta o fato de o Antigo Testamento (AT) ser a fonte principal e, em alguns casos, a única fonte (p. 17).

Donner informa que trata dessas fontes da mesma forma que trataria de qualquer outro povo, em qualquer parte do mundo, i.e., sem vínculos com a religião ou a filosofia. Assim, trabalha com a interpretação histórico-crítica das fontes. Segundo o autor, no que tange às fontes extrabíblicas, esta visão não traz problemas. Porém, ao se tratar do AT, a sua canonicidade, i.e., o seu caráter de Escritura Sagrada, parece sugerir outro modo de interpretação. Tratando tudo como história, o autor conclui que não se pode escrever sobre este tema com fontes qualitativamente diferentes, com um material profano de um lado e um material sacro de outro. Para o autor, o AT nada mais é que uma coletânea de

documentos históricos de caráter diferenciado, tornando a canonicidade do AT em um objeto de investigação histórica (p. 18).

O autor classifica dois tipos de fontes: o material literário e material arqueológico. Quanto ao material literário, comemora o fato de, a cada ano, estar aumentando o material extra-israelita, através da exploração de culturas de povos do Oriente Antigo. Assim a história de Israel é olhada também a partir de fora. Donner classifica esse material por regiões: Egito, Mesopotâmia, Síria e Palestina (p. 19-20). Nesse trabalho historiográfico, os documentos contemporâneos são preferidos a outros que se refiram a acontecimentos e pessoas da história a partir de uma distância cronológica mais ou menos grande (p. 22). Crítica textual, crítica literária, crítica da forma e do gênero, história das tradições, história da redação e história da interpretação são os métodos e procedimentos de pesquisa defendidos pelo autor, que afirma que só através deles as fontes de fato começam a ser visualizadas e se tornam utilizáveis (p. 22).

O livro ainda cita a dificuldade de se obter documentos históricos de um povo que viveu como nômade: “Israel é um povo não-autóctone” (p. 25). Sob esse ponto de vista, o autor entende que Israel revestiu as suas origens, a sua pré-história e a sua história primitiva com o manto da saga. A princípio o autor diz que estas sagas não podem ser consideradas documentos históricos – são tradição. Gênesis 1 a 11 é citado como exemplo disso. Depois afirma que esse seria um julgamento errôneo. Conclui que as sagas dizem algo sobre aqueles que a narraram (concepções).

O livro menciona eruditos que através de seus estudos têm enriquecido a pesquisa histórico-crítica, às vezes com abordagens histórico-traditivas, como é o caso de Martin Noth e Albrecht Alt, os quais foram antecédidos por nomes importantes, segundo o autor, como Hermann Gunkel e Hugo Gressmann (p. 26). Donner conclui que a consequência disso foi uma rigorosa desmontagem do quadro tradicional transmitido pelo Pentateuco, Josué e Juízes, e não deixa de observar que isso desencadeou acusações de ceticismo e niilismo. O autor relata as objeções a estes métodos, sem muitas conclusões – como de fato admitiu em seu prefácio. A obra ainda traça um paralelo entre o princípio metodológico e o teológico, fazendo a crítica de que este último parte do princípio de que se algo não for francamente anti-racional deverá ser crido com base na autoridade da Bíblia (p. 27).

Por fim, apresenta as fontes arqueológicas. Depois de conceituá-las, menciona os seus dois métodos de trabalho: através das escavações e da exploração arqueológica de superfície (p. 29). Diz que a arqueologia bíblica, que surgiu no século 19 a partir do interesse pela Bíblia, é superestimada, tendo motivações extracientíficas, principalmente de caráter religioso. Em sua opinião, os resultados da pesquisa arqueológica nas terras bíblicas muitas vezes são usados erroneamente para confirmar as informações da Bíblia (p. 32).

A apresentação do livro é de excelente qualidade quanto à encadernação, edição e fontes utilizadas. O autor poderia ter utilizado um maior número de subdivisões em seu capítulo inicial, pois o excesso de informação (sempre mostra vários pontos de vista) acaba por fazer um leitor menos atento se perder sobre o assunto principal. Se as referências bibliográficas fossem colocadas no final do livro seriam mais funcionais, pois como notas de rodapé não trazem informações muito relevantes para a leitura naquele momento. A linguagem é acadêmica e, apesar de traduzida do alemão, não prejudica a leitura. Sem dúvida a obra destina-se àqueles que já possuem um conhecimento prévio do assunto, não sendo, portanto, indicada para leigos. Acredito que bons livros acadêmicos podem ser escritos de forma popular e acessível a todos, o que não é o caso desta obra.

Ao analisar o conteúdo desse primeiro capítulo do livro já se pode perceber claramente a linha e a intenção do autor. É importante lembrar que essa abordagem teve forte influência do Iluminismo, o pensamento racionalista e deísta que entendia que Deus tem de ficar de fora do conhecimento humano. Deus existe, mas não intervém na história humana por revelação, milagres ou providência. O fato de esta edição ter sido publicada no Brasil pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), de origem alemã, nos lembra que a Igreja Luterana da Alemanha se dividiu justamente neste período, com o surgimento do liberalismo teológico, nome que foi dado a esta nova hermenêutica. Assim todo o conteúdo do livro será apresentado sob o princípio de que Deus não se revela ao homem, nem intervém, muito menos sobrenaturalmente, na história humana. Daí já não é necessário ler os demais capítulos, a não ser por curiosidade, pois certamente o leitor constatará que a criação do mundo, os milagres de Moisés e a formação do povo de Israel, entre outros episódios, são desacreditados, explicados como fenômenos naturais ou tratados como invenções do povo de Israel. Nunca aconteceram historicamente, são criação da fé dos israelitas, histórias lendárias denominadas pelo autor de mitos ou sagas.

Prefiro a visão de Samuel J. Schultz que diz que através das bênçãos e infortúnios de Israel, Deus, o criador do universo e do homem, determinou o curso a ser tomado pelo seu povo escolhido no cenário internacional das culturas antigas. Deus não é apenas o Deus de Israel, mas também o governante supremo que controla as atividades de todas as nações. Mas infelizmente este não é o pano de fundo do método histórico-crítico, adotado pelo autor dessa obra, que teve seu início no século 17 e falecimento decretado em meados dos anos 1970. Concordo com Augustus Nicodemus Lopes, que afirma em sua obra *A Bíblia e seus intérpretes*: “É triste observar que uma boa parte dos supostos resultados infalíveis deste método ainda influenciam estudos acadêmicos hoje, como fatos provados e não meras hipóteses – o que de fato são”.

O livro é recomendado para estudos sobre a investigação do AT através do método histórico-crítico, principalmente em denominações que abraçam essa corrente teológica. Não há sentido em ser utilizado em seminários confessionais, pois a hermenêutica defendida pelo autor parte do princípio de que a Bíblia não é o registro infalível e inspirado da revelação divina, e sim da religião dos judeus, i.e., ela não fala de Deus, mas do que os judeus criam sobre ele. Além disso, esta linha defende que as confissões de fé não são essenciais para o cristianismo, pois o que molda a religião é a experiência e não a revelação. O que é isso senão um ataque à autoridade das Escrituras e ao cristianismo? Inescrupulosamente tira o pressuposto da fé e adota o da incredulidade.

Por isso, creio que a história apresentada por Herbert Donner em seu livro não é autêntica, não é verdadeira. Trata-se no máximo de um conjunto de suposições e hipóteses. Porém, ao apresentá-la como verdade, acaba por se tornar uma história espúria de Israel. Nenhum de nós pode ler a Bíblia sem a influência do que cremos. O importante é termos os pressupostos certos em nossa leitura, exigidos pela própria Escritura – o reconhecimento de seu caráter divino e a crença nas suas afirmações.